

INGLÊS UERJ-MARACANÃ INGLÊS NA RELAÇÃO COLABORATIVA REMOTA - RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID

Coordenadora: Patrícia Pereira Bértoli¹

Supervisoras: Carolina da Costa Coelho Alves Pereira²

Francimar Assumpção de Souza³

Estudantes: Amanda Alcantara de Melo⁴

Clara Freitas Dantas⁵

Karen Marcelle Mattos Fonseca Beijer⁶

Luiza Reuter Perine Magalhães⁷

Raphael Freires Pessoa⁸

Raphaella Lopes B. F. Santos⁹

Rayani de Lima Navega¹⁰

Victor Soares Lopes¹¹

RESUMO

Este trabalho constitui uma escrita coletiva dos integrantes do Subprojeto de Inglês – Maracanã do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, da UERJ. Apresentamos aqui um breve relato de nossas ações e impressões ao longo dos dezoito meses de um trabalho norteado por conceitos de colaboração e interação, que foi iniciado em novembro de 2020 e finalizado em abril de 2022. O projeto foi aplicado durante a pandemia causada pela COVID-19, que provocou o distanciamento social, também enfrentado pela equipe em seu anseio por compartilhar conhecimento e experienciar a vida escolar. Apresentamos nosso trabalho da forma como foi se alterando da proposta inicial e como fomos nos adaptando à realidade e obstáculos do período; novidade para todos nós. Apresentamos também um pouco de nossa aprendizagem e enriquecimento pessoal que podem contribuir para outros projetos de inserção de professores em formação na vivência prática da profissão que abraçarão.

PALAVRAS-CHAVE:

Colaboração; Língua Inglesa, PIBID.

¹<http://lattes.cnpq.br/3249608010390852>

² <http://lattes.cnpq.br/1348772696683921>

³ <http://lattes.cnpq.br/1174791865591345>

⁴ <http://lattes.cnpq.br/6812689592551429>

⁵ <http://lattes.cnpq.br/7233381815843286>

⁶ <http://lattes.cnpq.br/9722507006474135>

⁷ <http://lattes.cnpq.br/1517190943671510>

⁸ <http://lattes.cnpq.br/7629673368556366>

⁹ <http://lattes.cnpq.br/6088489989092686>

¹⁰ <http://lattes.cnpq.br/3348694633043466>

¹¹ <http://lattes.cnpq.br/9350099719237895>

INTRODUÇÃO

O *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência* do Ministério da Educação (PIBID) tem proporcionado oportunidade de vivência em sala de aula para os professores em formação desde 2007. A língua inglesa vem integrando o programa institucional da UERJ para o PIBID desde 2013, oferecendo para os licenciandos em Letras-Inglês-Literaturas oportunidade de integrar os conhecimentos desenvolvidos na universidade com a prática de sala de aula, de modo autêntico e bem articulado.

O objetivo principal do subprojeto de língua inglesa é contribuir para a formação prática do licenciando em Letras-Inglês. Ao colocar seu conhecimento em prática, por meio de experiência real com o ambiente escolar, esperamos que o licenciando desenvolva habilidades comunicativas e criativas. Além disso, na escola, esse professor em formação também vive os conflitos não pedagógicos enfrentados pelo professor, podendo assim aprender a gerenciar situações e casos específicos do contexto escolar. No desenvolvimento do trabalho, o foco do projeto é o desenvolvimento de uma experiência colaborativa entre todos os participantes, ou seja, colaboração dos bolsistas entre si e com a escola pública, o professor das disciplinas, os outros professores da escola, a direção, os funcionários, os alunos e a coordenação do projeto. Acreditamos que o conhecimento só se torna real quando há troca e o modo para que essa troca se realize é o colaborativo.

A questão da colaboração é fundamental no subprojeto de inglês e encontra seus fundamentos teóricos em autores como Friend e Cook (1990), Paiva (2005) e Ferreira (2002). Segundo, Vygotsky (1987), o trabalho colaborativo impulsiona o desenvolvimento de estratégias e habilidades para solução de problemas por meio da interação comunicativa. A linguagem, portanto, é o fator fundamental para a interação. No caso do subprojeto de inglês, boa parte dessa interação acontece na língua inglesa. Friend e Cook (1990) corroboram a visão de Vygotsky, afirmando que a colaboração existe quando há interação entre duas pessoas, no mínimo, trabalhando com um objetivo em comum.

Este texto exprime nossas experiências ao longo de dezoito meses de trabalho num contexto em que o mundo estava buscando meios para a sobrevivência. Nós, além de nos mantermos vivos e saudáveis, almejávamos oportunidades de compartilhar nosso conhecimento e de viver novas experiências.

NOSSA HISTÓRIA

O núcleo de trabalho de inglês teve seu início em novembro de 2020, juntamente com os outros subprojetos da UERJ. O projeto foi estruturado contendo uma professora coordenadora, a professora da UERJ; uma professora supervisora, a professora de inglês da escola pública e dez alunos do curso de letras, sendo oito bolsistas e dois voluntários, a saber: Patrícia Pereira Bértoli (coordenadora de área); Carolina da Costa Coelho Alves Pereira (supervisora) e pelos discentes, licenciandos em Letras-Inglês, bolsistas; Ayrton César Nascimento, Karen Marcelle Mattos Fonseca Beijer, Karla Mayara Martins Cordeiro, Raphael Freires Pessoa, Raphaella Lopes B. F. Santos, Rayani de Lima Navega, Thaise

Helen Santana Dias e Victor Soares Lopes. As alunas Clara Freitas Dantas e Millena Emily Lopes Morelli integraram a equipe como voluntárias. Posteriormente, os discentes Thaise Helen Santana Dias e Ayrton César Nascimento deixaram o grupo por razões próprias, sendo substituídos por Amanda Alcantara de Melo, Clara Freitas Dantas e possibilitando a entrada de Luiza Reuter Perine Magalhães, como voluntária. Ao longo do desenvolvimento do projeto, a professora substituta enfrentou problemas de saúde, tendo que se afastar tanto da escola quanto do projeto e foi substituída nos dois pela professora Francimar Assumpção de Souza até o encerramento do projeto.

O período de aplicação do projeto coincidiu com o mais conturbado de nosso tempo, sem sombra de dúvida. Aquilo que havia sido projetado para acontecer presencialmente foi forçosamente alterado para o modo remoto quase que em toda a sua totalidade. Ainda hoje, há membros integrantes do projeto que nunca se encontraram presencialmente.

A disseminação do coronavírus no início de 2020 obrigou todo o processo seletivo a ser realizado de forma remota. Assim como a maior parte do desenvolvimento do projeto. As reuniões previstas para ocorrerem no espaço da UERJ, aconteceram 100% de maneira virtual. Contudo, a participação de todos e câmeras sempre abertas ajudaram a elevar o moral e manter o espírito colaborativo e participativo.

Como primeiro passo para o conhecimento da estrutura escolar em geral e daquilo que é esperado como aprendizagem para os alunos, foram realizadas as leituras de documentos oficiais: a BNCC (BRASIL, 2018), a Reorganização Curricular Carioca de Língua Estrangeira e o Currículo de Língua Inglesa da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro (SEEDUC, 2020). As leituras foram feitas de modo individual e foram discutidas em conjunto em reuniões específicas.

O comentário de uma dos discentes sobre o conceito de competência da linguagem presente na BNCC gerou excelente discussão sobre o que se acredita ser competência e o que se espera dos alunos da escola pública em relação ao mesmo tópico. Enfim, concluímos ser mais relevante que o aluno primeiramente sinta-se à vontade com a língua estrangeira do que demonstre o segundo tipo de competência nas quatro habilidades.

De acordo com o nosso plano de trabalho, passaríamos então para o trabalho de desenvolvimento de atividades para serem aplicadas na sala de aula. Já sabíamos que as aulas estavam acontecendo de forma remota, porém, para a nossa decepção, a escola campo que abraçou nosso projeto não ofereceu a seus alunos aulas remotas síncronas de língua inglesa. As aulas eram realizadas de forma assíncrona, com atividades disponibilizadas para os alunos fazerem quando pudessem. Ademais, as atividades eram disponibilizadas por meio da plataforma Facebook, em um grupo fechado. A direção da escola não concedeu aos integrantes do PIBID a oportunidade de participarem desse grupo por questões de segurança. Entendemos os receios da escola, sobretudo pela novidade que todos estávamos vivendo. Por outro lado, ficamos muito frustrados com a impossibilidade de ter contato com alunos, ainda que de forma assíncrona. Segundo os discentes, foi uma situação desagradável que colocou em xeque nosso norte colaborativo. Afinal, entendemos que estávamos trabalhando todos juntos.

Entretanto, a professora Carolina havia criado um canal no Youtube e concedeu à equipe do PIBID a oportunidade de aprendizagem e criação. Num primeiro momento, assistimos a algumas de suas produções e discutimos em reunião. Essa atividade permitiu que os discentes percebessem que os obstáculos podem ser superados de maneiras alternativas, sem ferir os requisitos do contexto escolar. As atividades criadas seguiam as normas e propostas da Secretaria da Educação do Estado do Rio de Janeiro. Foi possível perceber que a relação entre professores e alunos pode acontecer de forma afetiva, colaborativa e comprometida.

Aproveitamos o período de recesso escolar para aprofundarmos nossos conhecimentos teoricamente, no que diz respeito a desenvolvimento de materiais, ensino em ambiente virtual e ensino colaborativo (SOUZA, 2008; RODRIGUES, ELIA, 2013; PAIVA, 2005). Trabalhamos com a possibilidade de retorno presencial próximo, conforme previa a Secretaria de Educação, mas também com a possibilidade de continuarmos o trabalho de forma remota.

Uma questão bastante relevante discutida nas reuniões foi o contexto da escola campo. A Escola Municipal José Maria Bello fica em Padre Miguel, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro e atende alunos do Ensino Fundamental II. No período do projeto a escola tinha cerca de 400 alunos matriculados enfrentando carências e a violência da área. Para aplicarmos atividades de modo remoto, seria necessário que os alunos tivessem acesso a computadores ou celulares e tivesse rede de internet. Soubemos que a escola tem um laboratório com computadores, mas nós ainda não sabemos exatamente como funciona ou se teríamos acesso.

Decidimos “colocar a mão na massa” e criar atividades para serem aplicadas para os alunos de modo remoto. Ficou decidido que nos encontraríamos nas turmas de sexto e nono anos. Seguimos o currículo municipal e após levantamento coletivo de ideias desenvolvemos atividades que contemplaram principalmente questões de vocabulário concernentes ao clima, referências temporais, verbos e tempo passado verbal, ordem dos adjetivos e adjetivos pessoais (atributos físicos). Entre os recursos mais utilizados encontram-se imagens e letras de música.

Em agosto de 2021, as aulas retomaram o formato presencial, mas a oferta não manteve a mesma estrutura. Nem todas as aulas foram oferecidas e o horário dos professores era definido diariamente. Num primeiro momento, essa incerteza de horário nos impossibilitou de planejar visitas à escola. Além disso, muitos bolsistas não se encontravam nem com a primeira dose tomada e ainda estavam bastante temerosos quanto à exposição diante a grave situação da pandemia.

Em setembro de 2021, a professora Carolina Coelho, nossa supervisora, nos comunicou seu pedido de licença tanto da escola, como, conseqüentemente, do projeto. Assim como milhares de pessoas ao redor do mundo, a nossa supervisora havia sucumbido ao pânico de voltar ao contato com pessoas ainda longe de serem imunizadas. Essa situação de insegurança sanitária atingiu a todos da equipe, não apenas de forma solidária para com a supervisora, mas também como ponto de reflexão sobre os desdobramentos psicológicos da insegurança sanitária. Refletimos, em reuniões, sobre como cada um de nós se encontrava emocionalmente; quem havia perdido alguém próximo para a COVID; quem havia se contaminado e como havia superado a doença. Tínhamos dois novos enfrentamentos em vista: a substituição da supervisora e nossas emoções à flor da pele.

A equipe foi engrandecida pela professora Francimar Assumpção de Souza como supervisora. Essa troca acabou sendo muito valiosa para todos pois pudemos observar duas professoras com características bastante diferentes, especialmente pela área de atuação principal da professora Francimar ser Língua Portuguesa, mas também bastante semelhantes no que diz respeito ao comprometimento com a aprendizagem dos alunos.

Já as questões emocionais permearam nossas reuniões da equipe e as decisões que tomamos até o encerramento do projeto. Um grande alento foi o início da vacinação com a liberação para professores incluindo os estagiários. Todavia, uma única dose de vacina (assim como quatro ainda não nos garante) ainda não nos deixava seguros o suficiente para administrarmos principalmente o transporte coletivo até a escola. Por outro lado, a sensação de fragilidade diminuía.

A partir do momento da vacinação, já conseguimos trabalhar com foco real para uma ou mais visitas à escola. Assim, novas atividades foram desenvolvidas. Desta vez, para

aplicação presencial. Montamos equipes, pares ou trios, que foram recebidos pela professora Francimar e tiveram a oportunidade de conhecer a escola, os alunos e aplicarem as atividades que desenvolveram. Algumas das atividades estão descritas a seguir:

ALGUMAS DE NOSSAS ATIVIDADES

O processo de confecção e desenvolvimento das atividades, seja de aplicação online ou presencial, ocorria durante as reuniões com a professora orientadora/supervisora, assim como com participação da coordenadora. Inicialmente, havia debate sobre quais – e como – ideias poderiam ser implementadas e efetivamente aplicadas em uma turma na realidade da escola pública. Posteriormente, apresentávamos as atividades elaboradas para os demais integrantes do projeto para uma exposição e troca de ideias.

Durante o período remoto, a cada reunião para discutir o projeto, os alunos e possíveis atividades, propostas de exercícios que incluíssem música, imagens e/ou uma interação para além do quadro e caderno, foram desenvolvidas e tópicos que fossem relevantes para os alunos e suas realidades foram pensados de forma que sua curiosidade e interesse fossem despertados.

Em outubro de 2021, o trio Karen Marcelle Mattos Fonseca Beijer, Raphael Freires Pessoa e Victor Soares Lopes, visitou duas vezes a Escola Municipal José Maria Bello. Queríamos, no entanto, que a visita tivesse ocorrido antes, mas muitos foram os desafios enfrentados, como (1) as restrições causadas pela pandemia e (2) o período sem pagamento dos bolsistas, o que implicou na inviabilização das passagens destinadas para a escola. Contudo, nosso desejo de colocar em prática todo o ensinamento adquirido era maior.

A professora Francimar havia comunicado previamente os horários em que as suas turmas de inglês estavam destinadas para a volta do presencial. A do 6º ano, por exemplo, era na parte da manhã; antes das 7h50, deveríamos estar presentes na sala. Contamos com a ajuda da professora, que nos concedeu uma carona em seu carro para chegar até a escola, pois o transporte público não era suficiente para chegar na proximidade da escola. A colaboração do nosso projeto foi para além do conteúdo programático.

Na primeira visita, foi feita uma observação para conhecer o espaço escolar como um todo, como a cantina, o pátio, sala dos professores e da secretaria, assim como os alunos, principalmente. A escola, que antes se mostrava inflexível em certos pontos, acabou revelando-se bastante receptiva e acolhedora logo nos primeiros momentos. Com o encerramento dessa observação, produzimos um plano de acompanhamento de aula, que demonstrou que os alunos eram bastante dispostos e motivados.

Já na segunda visita, na semana seguinte à primeira, aplicamos o nosso plano de aula, o qual havíamos elaborado em conjunto com toda a equipe do PIBID por meio de conversas remotas. O nosso propósito foi continuar com o conteúdo em andamento da classe, componentes da família, para fixar o vocabulário e, para tanto, selecionamos a animação *Viva - A Vida é uma Festa*, um filme que aborda a importância da família e os seus desafios. Com a cooperação do sexto ano, montamos a árvore genealógica da família de Miguel, protagonista do filme. Além da mostra do trailer do filme, contamos com o conhecimento prévio dos alunos, mesmo dos que não tivessem visto o filme antes, pois a participação era parte da avaliação.

Para a finalização da aula, produzimos um caça-palavras para que os alunos pudessem aprender o conteúdo com mais uma forma lúdica e interativa. Quanto à recepção, eles mostraram bastante entusiasmo com a atividade proposta, a participação de todos

colaborou para que encerrássemos a aula com a sensação de satisfação e “dever cumprido”. Para alguns de nós, esse foi o primeiro contato com uma sala de aula do lado do professor. Queríamos que tal contato fosse algo memorável e, em razão disso, confeccionamos uma pequena lembrança aos alunos. Juntos, montamos pequenos pacotes de doces e, com a autorização da diretora, distribuímos para todos.

Não obstante, em 2022, houve a possibilidade de mais uma visita à escola para a realização de uma aula prática. Desta vez, os bolsistas Clara Freitas Dantas, Raphael Freires Pessoa e Karla Mayara Martins Cordeiro puderam visitar a escola, com a colaboração da Amanda Melo no preparo das atividades. Assim como da primeira vez, foi escolhida uma animação para apresentar o tópico de estudo para os alunos de uma maneira interativa, leve e divertida. O plano de aula pretendia explicar o verbo “*can*” para os alunos por meio do filme *Encanto*, da Disney, e alguns heróis famosos. Entretanto, ao chegar na instituição, foi-nos informado que a turma a qual a aula seria ministrada teria uma atividade sobre bullying com a assistente social, no primeiro tempo. Conseqüentemente, não foi possível apresentar todo o conteúdo preparado. Ainda assim, foi possível apresentar uma explicação sólida do conteúdo para a turma e, aos poucos, os alunos foram se acendendo e participando da aula. Foi uma ótima oportunidade, uma vez que houve contato direto com a turma e com o ambiente escolar – além de poder observá-los em uma atividade social promovida pela escola e que tratou de um assunto.

CONCLUSÃO

Este artigo apresentou uma síntese das experiências vividas pelos participantes da equipe de inglês do projeto do PIBID-UERJ. O projeto foi desenvolvido exatamente durante o período de distanciamento social causado pela pandemia da COVID-19 e suas variantes. Quando este texto foi escrito, o mundo ainda estava se adaptando às mudanças e enfrentando variantes do vírus, embora já tivesse retornado quase que totalmente ao contato social – muitos ainda realizados somente com a utilização de máscaras e adoção de medidas específicas para a segurança de todos.

Apesar das dificuldades inesperadas que tivemos que enfrentar, conseguimos que o projeto funcionasse todos os dezoito meses, sem interrupção, mesmo quando houve suspensão temporária do pagamento das bolsas ou quando nos sentimos inseguros em relação à nossa saúde e a das pessoas que conviviam diretamente conosco. Fizemos leituras e discussões que se tornaram o alicerce para o desenvolvimento e aplicação de atividades no formato remoto e presencial. Conseguimos, ainda que poucas vezes, ter contato com os alunos da escola pública e viver com eles a experiência do retorno a atividades de interação e colaboração. A experiência de preparar e aplicar atividades foi extremamente enriquecedora para a formação dos discentes, pois sentimos “na pele” a necessidade da dedicação para a melhora do ensino de língua inglesa na escola pública. Vivenciamos o anseio por aprender a despeito das inúmeras dificuldades enfrentadas por estudantes em um local vulnerável. Sobretudo, somos testemunhas de que o trabalho colaborativo é fundamental para a interação e desenvolvimento humano. Enfim, acreditamos ter contribuído para a formação desses alunos e temos certeza de que os professores em formação, que participaram do projeto que ora relatamos, estão mais conscientes de seu compromisso com a aprendizagem do país.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FERREIRA, Felipe. O que é ensino colaborativo e como aplicá-lo nas escolas? Proescola.com Blog. 2020. Disponível em <http://www.proesc.com/blog/ensino-colaborativo-nas-escolas/>. Acesso em 20 set. 20219.

FRIEND, Marilyn; COOK, Lynne. Collaboration as a predictor for success in school reform. *Journal of Educational and Psychological Consultation*, v.1, n.1, 1990, p. 69- 86. DOI: <https://doi.org/10.1207/s1532768xjepc01014>

PAIVA, V.L.M.O. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.;

MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). *Tendências contemporâneas em Letras*. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140

RODRIGUES, Cristina A.; ELIA, Marcos F. Atividades Extraclases com base no Currículo Mínimo para a Língua Inglesa usando uma Rede Social. *Anais do II Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2013) e XIX Workshop de Informática na Escola (WIE 2013)*. 2013, p. 319-328. <http://dx.doi.org/10.5753/cbie.wie.2013.319>

SEEDUC. (2020). Currículo Mínimo de Língua Inglesa. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/10884556/4268549/LINGUAINGLESA.pdf>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

SOUZA, Patricia N., A hipermídia como uma ferramenta de ensino: uma revisão da literatura sobre o aprendizado implícito e explícito de vocabulário em língua estrangeira. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.11, n.1, jan./jun. 2008, p.101-124.